



Cultura, memória e apropriação: um estudo a partir de produções textuais em situações avaliativas

Santos, Rosita da Silva¹

Frison, Marli Dallagnol²

Resumo: Este texto é originário de um estudo sobre Teoria da Atividade, desenvolvido no Curso de Doutorado em Educação nas Ciências, a partir de teorizações de Alexis N. Leontiev. Investiga-se acerca do significado de cultura, de apropriação e de memória, através da análise de redações de vestibular de candidatos às licenciaturas da Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS, buscando verificar de que conceitos os estudantes se apropriaram durante sua escolarização. O estudo foi realizado a partir da proposta que serviu como texto motivador e da análise de trechos, denominados "sequências discursivas", de redações de vestibular. Resultados apontam que pouco foi acrescido de conhecimentos escolares para a escrita dos textos, fazendo com que os alunos reproduzissem trechos da proposta, acrescentando seus conhecimentos pessoais e sua cultura.

Palavras-chave: Memória, Apropriação, Cultura, Teoria da Atividade

Modalidade de participação: Categoria 1

Temática: Contextos Culturais e Diversidade

Introdução

O homem passou da hominização para a humanização numa sociedade com base no trabalho; é um ser de natureza social, cujo desenvolvimento está inicialmente submetido às leis biológicas - seus órgãos se adaptam às necessidades de produção- e, posteriormente, às leis sócio-históricas (desenvolvimento da própria produção e os fenômenos). (LEONTIEV, 1978, p. 262). Por isso, o homem se libertou das leis biológicas e passou a ser regido pelas leis sócio-históricas.

Seguindo nesta direção, podemos dizer que o aprendizado é decorrente de um desenvolvimento mental e há processos mnemônicos que são difíceis de se materializarem se não forem tratados/discutidos

¹ Doutoranda em Educação nas Ciências; Mestre em Linguística; Professora de Língua Portuguesa na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI. rosita.santos@unijui.edu.br

² Professora do Doutorado em Educação nas Ciências, na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI. marlif@unijui.edu.br



pela escola. O ensino e a aprendizagem são fundamentais para o desenvolvimento das funções psicológicas e da cultura humana e resta discutir acerca de que modo o termo “apropriação” – no início, dos objetos; depois, de ideias e práticas – acontece na escola e no modo de vida contemporâneo, especialmente no que tange à produção textual.

Sendo assim, o objetivo deste texto é o de discutir acerca da apropriação de conceitos para a produção textual, visto que a apropriação, para Leontiev, é característica da atividade humana, e é por meio da qual o homem atribui sentidos àquilo com o qual interage e toma para si. É um processo ativo, em que o indivíduo precisa realizar uma atividade que “reproduza os traços essenciais da atividade acumulada no objeto”. Para Leontiev (1978, p. 269-270), a aquisição da linguagem não é outra coisa senão o processo de apropriação das operações de palavras que são fixadas historicamente nas suas significações.

Discutir apropriação é, também, discutir memória e cultura, pois a principal característica do processo de apropriação é a de criar no homem aptidões, funções psíquicas novas – que não se fixam no cérebro do homem e não são transmitidas segundo as leis da hereditariedade, mas são adquiridas principalmente através da cultura, seja ela material ou intelectual. (LEONTIEV, 1978). Portanto, discutir cultura, memória e apropriação na produção textual significa resgatar e valorizar a atitude intelectual do aluno no desenvolvimento de seu texto.

Memória, cultura e apropriação no âmbito particular: análise das redações

A interpretação de um texto não é neutra. O texto é um modo de interpelação e, ao lermos, somos interpelados e convidados a chegarmos a um sentido possível, pois os textos são portadores de diferentes possibilidades de sentido. Aquele que interpreta o faz buscando descobrir convergências e divergências entre o mundo da vida e o sentido que um texto propõe em termos de sentido, visto que há uma multiplicidade de interpretações possíveis e não podemos fixar verdades para a leitura de diferentes gêneros textuais.

A apropriação de uma proposta de produção textual, em situações avaliativas, tais como os vestibulares, dá-se em ambiente



extremamente complexo. O futuro acadêmico tem pouco tempo para ler a proposta, apropriar-se dela, planejar o texto com argumentos convincentes, produzir o texto, reescrevê-lo, fazendo as correções necessárias. Além disso, há uma tensão/pressão social, visto que ele precisa dar conta de um texto que vai impactar diretamente na sua vida futura.

Uma leitura atenciosa do tema e do conteúdo motivador ajuda a entender o que está sendo solicitado. Por outro lado, os textos motivadores estão lá para ajudarem os alunos a pensarem sobre o tema, não para servirem de reprodução ou para cercearem a criatividade dos vestibulandos. Os textos motivadores servem somente para que o futuro acadêmico possa acionar seus conhecimentos sobre a temática em pauta.

A partir da análise das redações do vestibular da UNIJUÍ 2017/Verão, buscamos investigar como os estudantes relacionam/abordam seus conhecimentos sobre a temática solicitada no vestibular: quais memórias são acionadas e que conceitos das diferentes áreas do conhecimento eles são capazes de ativar, sobre o assunto, na produção de seus textos. A análise gira em torno da apropriação da cultura e a constituição da memória dos estudantes acerca desses conceitos.

Na proposta original, escolhida para a análise, o vestibulando é convidado a se posicionar acerca da geração triste. Trata-se de um texto de Augusto Cury, que aborda o fato de que nunca tivemos uma "geração tão triste, tão depressiva". Ao ler a coletânea de textos e o tema, é esperado do candidato que ele já saiba sobre o que terá de escrever, pois a banca pressupõe que os textos motivadores sejam somente uma forma de auxiliá-lo a se situar e a delimitar melhor sua tese e seus argumentos. Os textos motivadores devem fazer o acadêmico refletir acerca da temática, possibilitando uma ligação entre o texto e o seu conhecimento de mundo.

Sendo assim, que tipo de memória o estudante recém-egresso do ensino médio é capaz de operar? Quais conceitos ele consegue recuperar dentre os tantos estudados na escola? Será que a organização dos conteúdos escolares permite a memorização das informações e também a relação/aproximação destes conteúdos com os outros já aprendidos, assim como com a vida dos estudantes e com os temas que permeiam seu cotidiano?

Analisando as redações do vestibular Verão/2017 da UNIJUÍ, podemos perceber que, no texto original, não há referência ao fato de que a tecnologia é a responsável pela existência de uma geração triste. Entretanto, os vestibulandos manifestaram-se acerca das tecnologias, sem ligação com a temática. Dos textos analisados, foram selecionadas, para compor este texto, 4 (quatro) sequências discursivas (SD)³, de forma a exemplificar a temática. Entre os esquemas acionados pelos vestibulandos, há sequências que abordam sobre os efeitos da tecnologia nos sujeitos; sobre o consumismo; a alteridade; a cultura regional, como o chimarrão; a religião, entre outras.

(SD 1) A cada criança que nasce, muitas vezes já vão colocando ela na frente da tv, para escutar músicas, da galinha pintadinha por exemplo, para poder fazer o serviço da casa, mas depois de um certo tempo, ela só vai dormi assistindo, pois já se acostumou.

Em um primeiro momento, podemos pensar que a memória é a lembrança de algo que aconteceu e ficou parado no tempo, preferencialmente no passado. Entretanto, a memória é viva e, ao ser evocada, remete ao passado, mas vislumbra o futuro. (IZQUIERDO, 2010). A memória cultural é constituída por heranças simbólicas materializadas em textos, rituais, símbolos, comemorações, objetos, documentos sagrados e outros suportes mnemônicos que funcionam como elementos capazes de acionar significados associados ao passado. É o que acontece na SD1, quando o acadêmico aciona sua memória acerca de um texto que, provavelmente, faça parte do seu conhecimento de mundo e do seu repertório cultural: a Galinha Pintadinha.

O mesmo acontece no trecho abaixo (SD2), quando o estudante aciona o seu conhecimento de mundo para trazer à memória brincadeiras típicas da infância, comparando com o que, provavelmente, seja vivenciado por ele na contemporaneidade. A memória que se restringe a um passado recente evoca lembranças pessoais e autobiográficas e tem curta duração.

(SD 2) Dados apontam que a cada 3 minutos olhamos nosso celular, este dado é alarmante, pois não são apenas adolescentes e adultos que fazem isso, crianças que deveriam

³ Usamos a sigla SD para designar o termo “Sequência Discursiva”, termo originário da Análise do Discurso.



estar brincando, jogando bola, praticando esportes, passam o dia todo em casa, sentados com esta tecnologia. E muitas vezes os pais que deveriam fiscalizar esse uso excessivo apenas estimulam, e nada fazem.

O consumismo também é trazido, no texto de Augusto Cury, como uma das causas da geração triste, que não se contenta em ter o que os pais podem dar, mas querem muito mais do que isso. No trecho abaixo, é possível perceber que o aluno abordou acerca do consumismo, não estabelecendo uma relação entre esta questão e a consequência disso para a existência de uma chamada "geração triste".

(SD 3) Os pais, para compensar, muitas vezes o que não tiveram, trabalham dia e noite, para ter um bom salário, para que assim, tenham o melhor e dar o melhor para seus filhos. Chegam cansados e acabam não dando atenção para as crianças. Por tal motivo, colocam em escolas de tempo integral e tentam compensar essa falta dando presentes, como celular. E por isso, tanto os pais como as crianças, perdem uma das melhores fases, a infância.

O consumismo é algo bastante presente no nosso dia a dia e, ao analisarmos a SD3, podemos perceber que o acadêmico aborda experiências/vivências pessoais acerca da temática, não acrescentando conceitos ou temáticas inovadoras sobre o assunto.

Outra questão trazida nos textos dos alunos é a referência à Bíblia, à religião, a Jesus Cristo e à igreja, temáticas marcadamente delicadas para serem discutidas ou abordadas em textos dissertativos-argumentativos, especialmente em situações avaliativas.

(SD 4) Jesus ensinou aos seus discípulos para viverem forte e de forma corajosa, em toda a Bíblia isso é encontrado, os profetas tanto maiores quanto menores e até Jesus novamente, explicando o que era e quão importante era aprender a viver de forma feliz. Portanto, infelizmente a geração desta época vive uma grande tristeza, caso este que precisa ser tratado com acompanhamento e Jesus.

Há séculos que existe uma cultura religiosa que nos é imposta e que é seguida pela maioria das pessoas no mundo todo. Através da cultura religiosa, adquirimos um conjunto de ideias, padrões de comportamento, valores e atitudes. Entretanto, na produção textual, o mais indicado é não abordarmos sobre religiões; o mais sensato a fazer é respeitarmos a religião de cada um, sem críticas, preconceitos ou doutrinação.



Não obstante o fato de que argumentar seja fundamental, no âmbito escolar o trabalho com argumentação é relegado aos anos que antecedem o vestibular, embora saibamos que todos são capazes de argumentar em qualquer fase da vida. Talvez esta seja uma das causas pelas quais os alunos não argumentam. Entretanto, com certeza, não é a única, visto que o processo mnemônico é regulado por outros fatores, tais como a atenção, a emoção, a necessidade/desejo de aprender, além de ser regulado pelos significados e sentidos adquiridos pelos conteúdos/conceitos memorizados. (IZQUIERDO, 2006; 2010; 2011).

O estudo permite concluir que a escola/universidade está entre o sujeito e o mundo e um de seus papéis é possibilitar a apropriação dos conceitos, por parte do aluno/acadêmico. Os seres vivos estão em constante movimento, mudança, e estão, portanto, em constante transformação, e é preciso dotar o estudante de conhecimentos que lhe permitam se apropriar de conceitos e de situações. Entretanto, como mensurar o conhecimento, se ele está diretamente ligado à cultura, com seus valores e crenças?

O conhecimento é produzido em contextos e práticas sociais e culturais e torna-se difícil analisar qual o conhecimento cultural que o indivíduo se apropriou. A aprendizagem da escrita não é um processo natural, que se aprende a escrever apenas pela imersão, mas é um processo que deve ser ensinado desde cedo na escola, uma vez que a escrita, tanto na escola quanto em outros contextos de produção, realiza-se por uma necessidade, orienta-se por algum objetivo, assume uma função. A experiência individual, por mais alargada e enriquecida que seja, não é suficiente para desenvolver um pensamento lógico ou matemático abstrato e sistemas conceituais adequados.

Referência Bibliográfica

- IZQUIERDO, Iván. (2011). **Memória**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed.
- _____. (2010). **A arte de esquecer**. 2.ed. Rio de Janeiro: Vieira e Lent.
- _____. (2006). **Questões sobre memória**. 3ª reimpressão, Porto Alegre: Unisinos.
- LEONTIEV, Alex. (1978). **O desenvolvimento do psiquismo**. 1ª ed. – São Paulo: Moraes.